

O Arquivo e a Cibercultura.

Guia de fonte sobre a história da prisão no Rio de Janeiro: 1830-1890

Marilene Rosa Nogueira da Silva UERJ¹

*Criar meu web site Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes faz uma jangada
Um barco que veleja .Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu orixá Ao porto de um disquete de um micro em
Taipé Eu quero entrar na rede Promover um debate Juntar via Internet Um
grupo de tietes de Connecticut*

Gilberto Gil²

A proposta seria escapar da narrativa linear, construir um hipertexto³ que fizesse ligações com outros pensamentos, onde cada palavra chave abrisse um campo de possibilidades transdisciplinar na (re)construção coletiva de conhecimento. Caio na rede, faço conexões, os meus grifos iluminam os meus ditos nos escritos de outros. Uma maneira cuidadosa, de apropriação sem romper com a função do autor problematizada por Foucault(1992:). Aliás, um pensamento como ação, que orienta a escritura desse texto experimento. Apresento a seguir, a partir da constituição de um guia de fonte on line, às especificidades da produção e circulação da pesquisa no ciberespaço.

A história do poder é também a história dos espaços e das espacialidades. Da era dos legisladores, da verdade capturada nos documentos que constituiria a história como ciência; aos rompimentos, incertezas que conformam à era dos interpretes(BAUMAN:2010) com seus hibridismos, fragmentações e desterritorializações, marcando os tempos pós - modernos. A fala de Morpheus em Matrix⁴ “- bem vindo ao deserto do real,” introduz o

¹ -Doutora em História pela Universidade São Paulo(1995); Prof.^a Adjunta do Departamento de História , membro efetivo do Programa de Pós Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Coordenadora do Laboratório dos Estudos sobre as Diferenças e Desigualdades Sociais LEDDES www.leddes.com.br

² - Gilberto Gil- Pela Internet- <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/68924/> acesso 18/03/2011 às 23 horas

³ O termo hipertexto, foi cunhado em 1965 pelo filósofo e sociólogo estadunidense Ted Nelson O prefixo hiper -(do grego "υπερ-", sobre, além) remete à superação das limitações da linearidade, ou seja, não sequencial do antigo texto escrito, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>. Acesso em 15/06/2001 às 12 horas

⁴ -O filme Matrix de 1999- ficção científica de ação reinventou vários conceitos no gênero no final dos anos 90. Fala sobre o domínio das máquinas sobre os homens. Um grupo liderado por Morpheus está atrás do "One" - o escolhido - que, diz a profecia, libertará a raça humana dessas máquinas. <http://www.cineplayers.com/filme.php> acesso em 14/06/2011. às 13 horas.

embate entre o real e o virtual que no dizer de Levy(1998)

“ (...) o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização(...)Não mais o virtual como maneira de ser , mas a virtualização como dinâmica...A virtualização não é uma desrealização(a mutação de uma realidade num conjunto de possíveis) , mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro gravitacional.” (Idem:16) grifos meus

O poder do chip, circuitos integrados que revolucionaram o mundo da comunicação, tem na internet a sua expressão. Tão importante quanto a navegação é a necessidade de identificar os níveis de inclusão/exclusão dos nativos, imigrantes, desconectados ou passivos na web. O historiador, como os demais cientistas sociais, precisa instrumentalizar-se para lidar com as facilidades e os perigos das libertárias práticas experimentadas no espaço heterotópico da internet. Questões de ordem tecno burocrata de armazenamento e, principalmente, de proteção de dados. De ordem jurídica como a propriedade intelectual que problematiza a complexa noção de autor. Ou ainda, o sentido de público e privado. Anarquismo ou um novo sentido para o termo socialismo? Velhas palavras usadas são reatualizadas para discutir os arranjos inovadores de compartilhamento e colaboração típicos dos coletivos conectados pela internet. Mais do que um artefato tecnológico estabeleceu-se um novo espaço e tempo de interação social, onde emergem e fazem emergir diferentes sociabilidades. Estamos experimentando uma nova episteme.

Aproprio-me das palavras de Foucault proferidas em palestra em 1967 e publicada em 1984 para pensar a cibercultura como um Espaço Outro, em contraposição à utopia. As heterotopias, emergem como lugares diferentes, uma espécie de contestação ao mesmo tempo mítica e real do espaço onde vivemos. Foucault concentra nossa atenção numa outra espacialidade da vida social, num espaço externo- efetivamente vivido (e socialmente produzido) presente em todas as culturas:

“ A nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso. Julgo que ocupamos um tempo no qual a nossa experiência do mundo se assemelha mais a uma rede que vai ligando pontos e se intersecta com a sua própria meada do que propriamente a uma vivência que se vai enriquecendo com o tempo” grifos meus

A cibercultura, a utopia efetivamente realizada, revoluciona a pesquisa. Os arquivos virtuais transformam a materialidade do papel em pixel. A digitalização de documentos, oferece meio, eletronicamente acionado que caracteriza, sobretudo pela

fluidez e flexibilidade, uma nova relação de interação entre o objeto e o pesquisador. Os novos arquivos problematizam o documento- verdade, o documento original. Muda o uso, as formas de acesso, o suporte e, conseqüentemente, a theorien- o modo de ver e a methodé- o caminho

A digitalização, sistematização e disponibilização online dos acervos pesquisados sobre o nascimento da prisão no Rio de Janeiro⁵, pretende estimular os debates sobre a carceralização, as matrizes de sua razão punitiva, analisar seus usos e abusos na atualidade. Problematizo a constituição e definição do crime e do criminoso que aparece como um objeto virtual no sentido que lhe concebeu Deleuze:(2005)

“ ...só existe como fragmento de si mesmo: só é encontrado como perdido- só existe como reencontrado. A perda ou esquecimento não são aqui determinações que devam ser ultrapassadas, mas designam , ao contrário, a natureza objetiva do que se encontra no seio do esquecimento, enquanto perdido. Contemporâneo de si como presente, sendo para si mesmo seu próprio passado, preexistindo a todo presente que passa na série real, o objeto virtual é passado puro. Ele é puro fragmento de si mesmo: mas, como na experiência física, é a incorporação do puro fragmento que muda a qualidade e introduz o presente na série dos objetos reais ”(Idem :174) grifos meus

Punir ou recuperar? Qual a origem das penas e, em que se funda o poder de punir e julgar? Que punições deveriam ser aplicadas aos diferentes crimes? A pena de morte seria necessária para a segurança e a estabilidade social? Seriam justos os tormentos e as torturas? Levariam ao fim proposto pelas leis? Quais seriam os meios mais apropriados para prevenir os delitos?As mesmas penas seriam igualmente úteis em todas as épocas? Qual a influência que exerceriam sobre os costumes? Essas questões mobilizavam os primeiros debates sobre a prisão, como uma forma exemplar de punição, nos congressos internacionais da ciência penitenciária e criminologia realizados na Europa (Frankfurt-1845, Bruxelas-1846/1856, Londres-1872, Estocolmo-1878, Roma-1885). Reprimir e reabilitar, assim era repensada a prisão como forma de controle social no século XIX..

Essa experiência produz saber,/poder, cria procedimentos específicos que atravessam todo o corpo social. A prisão enquanto forma do conteúdo, tem seus enunciados e regulamentos. Certamente, o direito penal enquanto forma de expressão, enunciados de delinquência também tem seus conteúdos. E as duas formas não param de entrar em

⁵ O Lugar da Punição : a produção do discurso--jurídico político da prisão no Rio de Janeiro- 1830 -1890. Projeto desenvolvido no Laboratório do Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais- LEDDES-UERJ sob minha coordenação ver www.leddes.com.br

contato, insinuando-se uma dentro da outra, cada uma arrancando um segmento da outra: o direito penal não para de remeter à prisão, de fornecer presos, enquanto a prisão não para de reproduzir a delinquência, de fazer dela um objeto e de realizar os objetivos que o direito penal concebida de outra forma (defesa da sociedade, transformação do condenado).

A noção de arquivo utilizada não se limita apenas ao lugar da institucionalização da memória que, segundo Foucault (1987)

“ (...) não tem o peso da tradição; não constitui a biblioteca; mas não é tampouco, o esquecimento acolhedor que abre a qualquer palavra nova o campo de exercício de sua liberdade; entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente.... É a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares....Entre a língua que define o sistema de construção das frases possíveis e o corpo que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação...”.(Idem:150) grifos meus

O levantamento feito no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Arquivo da Marinha, procura identificar a emergência do problema, analisando os documentos monumentalizados pela História. Houve um tempo em que se idealizou a prisão para além da punição. Ela poderia civilizar dar lucro ao Estado; não fabricar o delinquente, mas o pão, o vestuário; não ameaçar a segurança pública, mas cuidar das obras, combater incêndios. Este lugar deteriorado, despido de toda utopia reformista, situado no bairro carioca do Estácio, experimentou, inventou e reinventou a prisão; primeiro, como solução particular de uma elite ilustrada, depois como projeto de governo”

A Casa de Correção⁶ e da Casa de Detenção⁷ eram regidas pelo mesmo regulamento, possuíam o mesmo comando burocrático. Embora aproximadas pela lei estas se diferenciavam pela condição social; pela relação de trabalho ócio entre os apenados e os que aguardavam decisão judicial. Enfim, pelas mordomias daqueles que podiam ser sustentados pela família e dos que necessitavam viver às custas do governo.

Associo duas linguagens que primam, por suas diferenças: os códigos da língua,

⁶ - Inicialmente, Casa de Correção da Cidade do Rio de Janeiro; depois em 1941, Penitenciária Central do Distrito Federal, em 1957- Penitenciária Professor Lemos de Brito.

⁷ - Em 1941 recebeu o nome de Presídio do Distrito Federal, em 1960, com a criação do Estado da Guanabara, passou a subordinar-se ao governo estadual. Em 1963, desvinculou-se administrativamente da Penitenciária Lemos de Brito (Antiga Casa de Correção) e recebeu o nome de Penitenciária Milton Dias Moreira.

à fluidez da imagem, o que significa estabelecer noções, racionalizar, esquematizar, entendendo que as palavras e as imagens, apesar de suas diferenças, encontram-se na qualidade de realidades observáveis, resultantes de reflexões e estímulos artificiais, ou seja, culturais. O que daria consistência às palavras seria o discurso no qual elas estariam inseridas, construindo a coerência, a verossimilhança, a pertinência recíproca dos fenômenos. Discurso entendido também como prática, reconhecendo-se nesta a atividade livre de um sujeito e o conjunto de regras que o envolve e o submete. Discurso como um caminho de uma contradição à outra que faz com que desapareçam e reaparecem as contradições ao mostrar o jogo que nelas, elas desempenham, manifestar como pode exprimi-las, dar-lhe corpo ou lhes emprestar uma fugidia aparência. Conforme afirmava Foucault (2004):

“As palavras e as coisas é o título – sério – de um problema; é o título – irônico – do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente consiste em não mais tratar os discursos como signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar estes signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (Idem :12) grifos meus

A fotografia aparece como síntese da tecnologia, representação do ideal de objetividade da ciência e da modernidade. Associada a cartofilia expressa a necessidade de visibilidade individual ou coletiva, dava status, comprova viagens, envia lembranças. Na cidade do Rio de Janeiro nos anos 40 a 50 do século XIX, vamos encontrá-la nos primeiros daguerreotipistas. A partir da década de 60, a imagem única produzida pelo daguerreótipo, começava a ser colocada de lado em virtude das novas técnicas(multiplicadoras das cópias feitas do negativo). Nesse momento, era menor o preço do desejo de ser fotografado que se apossava de todos. A pose e a montagem de estúdio apresentavam formas de exibição de poder.

As primeiras fotografias eram interpretadas como se a câmera fosse uma máquina copiadora. Era o olho mecânico que poderia mostrar o mundo. Se por um lado esse “*olho mecânico*” trazia, segundo os contemporâneos, a conotação de isenção, ele ameaçava a verdadeira arte por sua banalização da imagem, transformando-a *numa “arte de quatro tostões”*. A fotografia como um espelho do real, suscitava ao mesmo tempo crítica e fascinação.

A fotografia de espelho do mundo passa a ser uma interpretação do real, uma

forma arbitrária, cultural e ideológica (DUBOIS; 1994) representando portanto, a imagem que a burguesia construía de si mesma e do mundo. A foto analisada como um conjunto de códigos, como um símbolo, e o fotografo como aquele que deveria interferir na realidade. A imagem impessoal e objetiva da fotografia, cederia lugar à ideia da foto- prova, não só do que o indivíduo vê, não só um registro, mas uma avaliação do mundo.

Os estudos atuais discutem a questão destacando as diferenças entre: o que é fotografado, o ato fotográfico e o resultado da fotografia. Essa menção inscreve-se no meio campo de uma pragmática irreductível: a imagem\ foto, tornando-a inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda, sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. As imagens produzidas pela fotografia, capturadas numa oficina da Casa de Correção que reúne modelos peculiares numa galeria dos condenados, transforma-se em enunciado que no dizer de Foucault(1987)

(...) ao mesmo tempo tem que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em rede, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade”(idem ,Ibidem:121) -grifos meus

A necessidade de analisar em quantidade suficiente e de forma que permita fazer aparecer os programas punitivos, os dispositivos e ainda os objetivos estratégicos que orientam a elaboração dos projetos penais e as decisões postas em prática, justifica a variedade dos documentos -monumentos pesquisados. A prisão como preocupação metodológica conduz a seleção, organiza e classifica o acervo para a digitalização, fixando um, conjunto de enunciados que se apoiam em um mesmo sistema de formação Assim, de acordo com Foucault em sua arqueogeologia (1987) posso falar do discurso jornalístico, do discurso jurídico administrativo; do discurso médico, do discurso imagético que conformam, produzem prisioneiros/as, carcereiros e transformam a prisão em lugar da punição.

1-Discurso Jornalístico:

O periódico *O Homem e a América.*, jornal da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional do Rio de Janeiro. Conforme o próprio nome do jornal sugere, era marcado pela ideia americana de filantropia na qual o “*homem deve atuar e transformar o meio onde vive*”. Exemplo dessa atuação foi a campanha pela

construção da Casa de Correção. A Sociedade ficou responsável por toda a sua construção, desde o desenho da planta até a finalização da última galeria, dependendo das doações de seus membros e também dos cidadãos que prezassem pela ordem e acreditassem na recuperação dos marginais, dos mendigos e dos vadios. (MOREL:2005).Nessa lógica, o pan-óptico de Jeremy Benthan foi apresentado como a solução mágica para todos os problemas e os seus autores como gênios da humanidade. O jornal encontra-se microfilmado na Biblioteca Nacional, no setor de Obras Raras, abrangendo o período de 1831 a 1833. Contudo, não foram conservadas todas as edições e o original encontra-se em péssimo condições, com páginas mutiladas, manchadas ou ilegíveis. Das edições do ano de 1831 faltam os jornais de nº 1 ao 4, do ano de 1832 faltam o nº 14 (Janeiro) e os nº 20 ao 26 (Março – Abril).

2-Discurso Jurídico- Administrativo:

Identifico os papéis da Casa de Correção que integram a Série Justiça do Arquivo Nacional. O acervo é composto de avisos, portarias, bem como de ofícios trocados entre a penitenciária modelo e as diversas repartições da burocracia imperial. Encontramos também a correspondência dos internos com seus advogados, curadores, além de contratos de trabalho, de compras de víveres, de balancetes e Relatórios anuais .Ainda no conjunto destaco os Regulamentos da Casa de Correção que descrevem os procedimentos de controle do cotidiano da prisão:

-O Primeiro regulamento de 6 de julho de 1850, redigido pelo jurista Dr. Francisco Ignácio de Carvalho a convite do Ministro da Justiça Euzébio de Queirós .A análise desse documento, bastante minucioso, permite acompanhar a carceralização da Corte. Os debates dos modelos de prisão considerados, civilizados e civilizadores. da população

- O segundo regulamento - decreto de n.8386 de 14 de janeiro de 1882 do Ministro da Justiça Manoel Pinto de Souza Dantas. Documento normativo, embora mais detalhado, mantém em linhas gerais a mesma estrutura disciplinar e organizacional implementada pelo primeiro regulamento,preserva o modelo de Auburn, conservando também a estreita interação entre o Estado e a Igreja.

-Relatório dos Diretores da Casa de Correção e dos Médicos responsáveis pela higiene na prisão.

-Livros de entrada de presos da Casa de Detenção do acervo do Arquivo Público

do Estado do Rio de Janeiro, apresenta detentos escravos, libertos e livres, mulheres, menores de 21 anos e presos políticos.(1860-1964) Nesse momento estão sendo fotografados as matrículas de escravos e escravas registradas em três livros completos que cobrem os anos 1863, 1879; 1881.

3-Discurso Médico.

As matrizes discursivas de um saber médico que ordena, prescreve, certifica é solicitada nos tribunais para definir o normal e o patológico (CANGUILHEN:1990) A higiene que os médicos discutem nas suas teses , livros, periódicos e jornais não é apenas um adjetivo que qualifica a saúde mas o conjunto de dispositivos e saberes que favorecem sua manutenção. O discurso da higiene problematizava a limpeza, entendida não apenas no seu sentido imediato de remoção da sujeira, mas uma concepção mais ampla, isto é, de eliminação das impurezas do corpo (doença) e da mente (hábito e valores). Nas inúmeras teses apresentadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1831-1900 (GONDRA:2004), além da questão explícita da formação e valorização da medicina como um saber que se estrutura como responsável pela gestão da existência humana. Estão sendo digitalizadas as teses que tratam dos sistemas penitenciários e do seus efeitos físico e moral dos homens. A saber:

José Pinto Ribeiro de Sampaio. A Solidão (1846);

David Gomes Jardim.; Fortunato Correia de Azevedo. Quaes os lugares da cidade do Rio de Janeiro e seus arrabaldes são mais favoráveis a saúde e quaes os mais insalubres (1850) ;

Joaquim de Oliveira Garcia . Expor o modo porque se procede entre nós o auto de corpo de delito, quaes os seus defeitos; e quaes as regras que devem presidir a redacção de um relatório.(1852);

José Teixeira de Souza. Dos corpos de delitos sobre ferimentos. Como se deve entender os artigos 194 e 195 do Código Criminal.(1852);

José Torres de Albuquerque. Das offensas phisicas em geral . Interpretação e analyse da nossa legislação criminal relativa aos ferimentos e outras offensas phisicas. (1856);

Alfredo Camilo Valdetaro. Cadeira de Medicina Legal (Tratar da morte real e da morte aparente) (1858);

Dr.Pedro Augusto Pereira da Cunha. “ Dos systemas penitenciários e de sua influencia sobre o physico e moral dos homens. Alguns dos systemas penitenciários conhecidos é tão superior aos outros debaixo do ponto de vista hygienico que deva ser preferido” (1872);

Alfredo Augusto Vieira Barcellos. Do Systema penitenciário e sua influencia sobre homens.(1875) ;

Cornélio Pereira Magalhães. Dos systemas penitenciários e de sua influencia sobre os homens.(1875);

José Baptista Amoroso Lima. Dos systemas penitenciários e sua influencia sobre os homens(1880);

Francisco P. N. Villas Boas da Gama. Dos systemas penitenciários(1884).

Esses homens da boa sociedade, presentes nas Comissões, visitavam prisões e hospitais; ocupavam diferentes cargos no governo. Essas atividades podem ser acompanhadas nos relatórios anuais produzidos pelos médicos e diretores da Casa de Correção. Na Academia de Medicina as teses apresentam a ideia de organismos a combater o veneno e de remédios a combater a causa, correspondia a separação entre o doente, a doença e a prescrição. O doente estaria invadido por um veneno, devia se evitar a continuidade dessa invasão, combater a causa . O remédio passaria a ser específico para a doença, não contra as suas consequências no organismo. O raciocínio etiológico caracterizaria a doença a ser combatida como algo eliminável, estrangeiro, causando distúrbios limitados, específicos a cada doença e não a cada doente. E quando esse doente era um prisioneiro? Quando as condições do aprisionamento era o veneno que destruía o organismo? Como curar, prevenir doenças sem combater as suas causas?

4-Discurso Imagético:

Por fim , apresento os álbuns da Galeria dos Condenados que fazem parte da Coleção Dona Theresa Chistina, da Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Uma experiência pioneira de utilização no Brasil da fotografia como instrumento de identificação criminal. Nas imagens produzidas pela Casa de Correção da Corte estão retratados os correccionais que entraram na prisão entre 1859 a 1878. Fotos de apenados, mas não retratos de polícia. Solução inspirada no uso da fotografia nas delegacias e prisões europeias desde o tempo do daguerreótipo. Da descrição dos sinais das primeiras fichas, à foto reveladora, um instrumento de identificação mais eficiente do que o retrato falado. Um registro que marca, classifica e não deixa "perder de vista"o criminoso.

Essas fotografias foram acondicionadas em dois volumes. Um com uma capa simples, sem decoração, e outro ornado com arabescos dourados nas bordas e o brasão do Império no centro No volume mais simples foram coladas as fotos tiradas em "plano americano" (que retratam o modelo da cintura, ou quadril, para cima) e as fotos que foram consideradas com "problemas técnicos" (com pouca luz, com manchas etc.). Ao todo, no interior dos álbuns, temos 320 fotos de presos (318 homens e 2 mulheres)

recortadas em formato oval 6 x 8 cm, e coladas no alto das páginas, dentro de molduras ovais cercadas de discretos arabescos desenhados. Todas as páginas, também com molduras de discretos arabescos desenhados, têm, além de uma foto única, uma parte manuscrita com breves informações como o nome do condenado e seu número na Casa de Correção, os delitos cometidos, penas e multas imputadas, a data de sua entrada ,e algumas informando ainda sobre data de soltura, eventuais comutações de penas, indulto, ou casos de morte dos condenados.

Além das questões possibilitadas pela fotografia na objetivação do prisioneiro, é possível através do cruzamento de duplicatas emitidas para os órgãos da polícia, rastrear a existência da oficina de fotografia. A tipografia, a carpintaria e a alfaiataria que funcionavam na Casa de Correção, visavam além da chamada recuperação pelo trabalho, proporcionar lucros aos cofres públicos. A foto prova fabricada por um dos apenados, ilumina homens e mulheres infames transformados em sujeitos da criminologia que entram na história pelo portal não da desordem porém da ordem então instituída.

Conclusão:

A constituição de um guia de fonte coletivo e cooperativo não se limita apenas a catalogação quantitativa de documentos. Ao contrário , propõe identificar matrizes discursivas e enunciados que formaram e conformaram a prisão como lugar da punição no Brasil. Um convite aos historiadores/as e demais interessados no estudo da carceralização. Trabalho em comum das pessoas que buscam se des-disciplinarizar compartilhem das possibilidades do ciberespaço como um virtualizador de virtuais. Vamos cruzar memórias, produzir hipertextos, elaborar um banco de dados, identificar as instituições prisionais, reatualizar o Manifesto do GIP proposto por Foucault em 1971 (2003)

“Precisamos saber o que é a prisão, quem entra nela, o que se passa ali , o que é a vida dos prisioneiros e, igualmente , a do pessoal de vigilância, o que são os prédios, a alimentação, a higiene, como funciona o regulamento interno, o controle médico, como se sai dela e o que é , em nossa sociedade , ser um daqueles que dela saiu” (idem ibdem : 2)

Enfim, usemos desinstitucionalizar os arquivos. Essa é a ordem do discurso de Foucault apresentado por Deleuze como um novo arquivista: (2005)

“Um novo arquivista foi nomeado. Mas será que foi nomeado? Ou agiria por sua própria conta? (...) O novo arquivista anuncia que só vai se ocupar dos enunciados. Ele não vai tratar daquilo que era, de mil maneiras, a preocupação dos arquivistas anteriores: as proposições e as frases. Ele vai negligenciar a hierarquia vertical das proposições, que se dispõem umas sobre as outras, e também a lateralidade das frases, onde cada uma parece responder a outra. Móvel. Ele se instala numa espécie de diagonal, que torna legível o que não podia ser apreendido de nenhum outro lugar; precisamente os enunciados(...) Não há possível, nem virtual no domínio dos enunciados; nele tudo é real, e nele toda a realidade está manifesta: importa apenas o que foi formulado, ali, em dado momento, e com tais lacunas, tais brancos(...)” (Idem ibidem:13-14) grifos meus

Referências Bibliográficas

- BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas . texto integral**. São Paulo:Martin Claret,2003
- BAUMAN, Zigmunt. **Legisladores e Intérpretes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010
- CANGUILHEN, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro : Forense,1990
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**: São Paulo: Brasiliense,2005
- DUBOIS, Phlippe. **O Ato Fotográfico e outros Ensaio**s. Campinas: Papyrus,1994
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed Loyola,2004.
- _____. **Arqueologia do saber**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- _____. **O que é um autor?** 3.ed. Trad.: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. /s.l./ Vega, 1992
- _____. Manifesto do GIP, 1971 in MOTTA, Manoel Barros (Org) **Estratégia Poder Saber. Ditos e Escritos vol IV**. Rio de Janeiro:Forense, 2006.
- GONDRA, José **Artes de Civilizar: Medicina , Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: EdUERJ,2004
- IRWIN, William. **Matrix. Bem vindo ao deserto do real**. Madras,2003
- JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEMONS, André;CUNHA, Paulo (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003
- KOMESU, Fabiana. **Pensar em Hipertexto**: www.ufpe.br/nehte/artigos/hipertexto.pdf
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34,1999.
- _____. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34,1993.
- MORAES, Denis de. **O Concreto e o Virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MOREL, Marcos **As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial-1820-1840**. São Paulo: Hucitec, 2005
- SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. **Carceralização da Escravidão no Rio de Janeiro: A emergência de um problema**. In Revista Maracanã, Dossiê Diferenças e Desigualdades, vol IV, 2008 .p.107-134.

Um lugar para deserdados e Deserdadas In **Deserdados: Dimensões das Desigualdades Sociais**. Rio de Janeiro: Editora H.P. Comunicação, 2007

VIANNA, Túlio. **Transparência pública, opacidade privada**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

Fontes Digitais

<http://daquino.wordpress.com/2008/09/25/origem-e-significado-da-cybercultura/>

<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>

<http://cibereducacao.wordpress.com/2010/11/06/.Cibercultura-e-a-reconfiguracao-do-processo-de-recuperacao-da-informacao>

<http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/68924/>

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=12>, <http://vsites.unb.br/fac/ncint/site/parte15.htm>